

## Resposta a Antonio Sergio:



ocê é um poeta! V. é um rouxinol! V. vive a sonhar, ignora a realidade, o sitio onde se deve pôr os pés, etc., etc.!

É com idênticas palavras que os individuos que fazem profissão de prosa, n'esta vida, pretendem lapidar os outros de mais vastos e fundos desejos, inconformaveis com um mundo asfiado entre as quatro paredes sem buracos do Positivismo.

É com tristeza, meu caro amigo, que o vejo tomar essa attitude, hirta e deserta, perante a Vida.

Eu sei que a Vida é restricta ou vasta, conforme os olhos que a contemplam. Ela obedece ao nosso poder de visão. Ha pessoas que lhe apreendem apenas a forma carnal; ha outras que atingem a sua expressão espirital e eterna. Com as primeiras não se pode discutir. São creaturas no sentido restricto da palavra, enclausuradas, mortas dentro das suas proprias ideias sem alcance. Meteram-lhe em cabeça que o Mundo é só feito de pedra... e ei-las, para todo o sempre, empedernidas! Que lastima!

Não imagina, meu querido amigo, quanto me custa vê-lo enfileirar-se ao lado de semelhante gente!

É por parentêscio? Não. Eu conheço muito bem o seu espirito; sei o que ele tem de delicado e susceptivel ás altas e belas cousas. O meu amigo é igualmente um rouxinol que se mascarou de peixe para meter mêdo ao Saudosismo...

E em seu louvor direi que a mascara não lhe esconde o rôsto.

A sua ultima carta, publicada n'esta revista, permite-me tal afirmação. Que fez o meu amigo, n'essa carta? Riu-se! Á minha *sinfonia de Beethoven* responde com um sorriso. E que é um sorriso?

Um sorriso equivale a um *sim*...

Mas deixemos o *sim*. Que ele finja de *não*, em harmonia com o seu desejo.

O meu querido amigo abandonou o seu ataque á originalidade da Saudade, ponto principal da questão, assim como ao seu poetico e filosofico significado que torna a alma portuguesa creadora d'uma concepção formosissima do Universo e da Vida, a qual deve orientar superiormente a nossa actividade social. Eis o que ficou de pé; diria mesmo intangivel, se eu pretendesse a intangibilidade para alguma cousa.

Como já disse, o meu amigo limitou-se a rir, o que é muito agradável, pois se a beleza é o esplendor da Verdade, o riso é o esplendor d'uma alma.

V. limitou-se a rir, e a baralhar, n'uma pagina, algumas frases minhas, arrancadas ás suas companheiras naturais... Mas isto é ainda uma chalaça. V. gostou de ver as pobres palavras, longe do

seu meio natal, entreolhando-se espantadas e interrogando-se mutuamente: — Quem és tu? D'onde vens? Quem vos trouxe para aqui?

Foi o sr. Antonio Sergio . . . mas por simples buincadeira, isento de maus intuitos. Soceguem!

Logo na primeira frase o meu amigo sublinhou as palavras *em partes iguais* . . . Para quê? Eu desejei apenas notar que, na raça portuguesa, o sangue semita e o aria existem em partes equivalentes, o que se revela pela sua criação da Saudade, onde o principio espiritual e o sensual (lembrança e desejo) se casam e combinam, formando assim uma admiravel sintese de Vida que se reduz, na essencia, áquelles dois principios. Porisso, disse que a Saudade é a alma do Cósmos.

Cita-me Giotto, Fra Angelico e Dante (tres italianos) para demonstrar que o povo italiano não é nada um povo pagão!! Sabe a historia do lord inglez que tinha um criado francez? Conto-l'ha em duas palavras.

Este bom creado serviu o inglez irrepreensivelmente, durante cinquenta annos. Mas, um belo dia, encontrou um charuto no quarto do amo. A tentação do fumo empeceu-lhe, e o bom do homem, já velho e cansado do trabalho, para espalhar a melancolia, acendeu o charuto e fumou-o. O inglez, ao dar pela falta do havano, exclama furioso: «Bem se vê que os francezes são um povo de ladrões!»

A sua longa estada em Londres tornou-o como aquele inglez, meu querido amigo!

E considera o Dante christianissimo! O Dante é profundamente catholico. A Divina Comedia é o grande poema do catholicismo, essa degenerescencia pagã do Christianismo.

Que é o *Inferno*, senão a suprema plastisação da Dór, a materia do Christianismo roubada a Jesus e entregue a um Deus Pan, nocturno e tragico?

Afirma depois que este verso do Nobre: «Caí, folhas, caí, tom-bae melancolias!» parece traduzido de V. Hugo!

Eis uma affirmação gratuita, com menos realidade ainda *que o halito duma ninfa*.

Se ha poetas distantes um do outro, são V. Hugo e Nobre. Hugo é o Hercules do Verbo; Nobre, a encantadora creança emotiva.

Classifica de banal (só porque isso lhe convem) um periodo de Eduardo Schurée, que eu transcrevi. Leia a «Evolução Religiosa» d'este belo escritor francez, e verá que esse periodo contem o pensamento principal da obra citada.

Diz também que o verso escultural é uma velharia. Eu sei que o verso classico é mais escultural que musical — o que não quer dizer que o verso da nova poesia portuguesa não encontrasse uma forma sua de expressão. O verso classico é seco e rígido. O verso moderno alia á nitidez do ritmo que n'ele predomina, a flexibilidade, a brandura firme de todos os corpos que vivem. De resto, é uma cousa secundaria.

Estranha também que eu considere introduzível o sentido intimo de palavras, como silencio, lugubre, nevoeiro, mêdo, oculo . . . Ora leia este periodo de Miguel de Unamuno: «Saudades, soturno, luar, nevoeiro, magoa, noivado . . . cuya alma és intraducible».

Ahi está o que affirma no seu livro «Por tierras de Portugal y de Hespaña» aquele escritor, um dos maiores da Peninsula e um dos que melhor conhece a raça portuguesa.

A proposito: leiu a sua ultima obra «Del sentimiento tragico de la vida en los hombres e los pueblos»? Se não a leu, peço-lhe que a leia. Encontrará, n'essas paginas imortaes, profundas verdades, prenhes de vida eterna e creadora! É um sublime protesto contra a Morte, ou antes, contra a vida *morta*, satisfeita na sua restricta acção puramente material, que o meu amigo finge admirar . . .

Diz ainda que aquelas palavras são eruditas e cheiram a rapé. Que importa a sua origem e o seu aroma? O que importa, é a alma que o sentir do povo e dos poetas lhes insuflou, acordando-as para uma nova vida. A alma nova galvanisa a antiga carcassa que se veste de mocidade.

Imagina ainda o meu bom amigo que eu desejo uma republica puramente rural. Eu já lhe disse que o Saudosismo não é inimigo do Futuro. Pelo contrario, ele pretende firmar-se no Passado e no Futuro — o que resulta da sua propria essencia de *lembrança e desejo*.

E julga também que a Igreja lusitana de que eu falei nas minhas conferencias, é a igreja da Inquisição!! Essa Igreja que eu admiro, morreu ás mãos do primeiro rei de Portugal que a subordinou a Roma, tirando-lhe a sua independencia reveladora do espirito original e livre da raça portuguesa. E o meu bom amigo a rodeá-la tragicamente de fogueiras! Tudo isso para que? Para vêr se queima o Saudosismo! Ele é invulneravel como já disse; invulneravel e incombustivel, acrescentarei.

Afirma ainda que eu considero o Saudosismo como criação do meu espirito, capaz de dar á Humanidade um novo sol espiritual. O Saudosismo é uma criação da Raça. Basta ler a Poesia popular e Camões! Nunca, jamais, em tempo algum, o considerei como obra minha!

O Saudosismo é a alma portugueza attingindo uma clara expres-

são poetica e filosofica. Eu limitei-me a desenhá-la, embora imperfeitamente. Fiz o retrato, mas não a figura retratada . . .

Quanto á minha crença de que o genio lusiada contem uma viva e imortal aspiração do Homem, esse novo Sol por que esperamos, tal crença, no coração d'um portuguez, nada tem de extraordinário, nem de censuravel, creio eu.

Mas o meu bom amigo, no entusiasmo da sua chalaça, lançou-me, sem querer, uma pontinha de ridiculo!

Não pense que tenho medo ao ridiculo. Eu digo como Miguel de Unamuno na segunda obra citada: «Hay que saber poner-se en ridiculo, y no sólo ante los demás, sino ante nosotros mismos . . .

Pues fué poniendo-se en ridiculo como alcançó su immortalidad Don Quijote.»

Depois, o meu querido amigo considera Portugal um paiz de espectros e de somnambulos. O espectro sou eu. Assim seja. Faço-lhe a vontade. Tenho uma simpatia especial por essa condição phantastica . . .

Ah, meu amigo, os espectros vivem! A sua materia de ilusão é mais real e viva que a de muitos corpos humanos, cuja presença é revelada apenas pela sombra que projectam . . .

Ora aqui tem um Phantasma que lhe estende a mão comovida, atravez do oceano, pois, para nós, Phantasmas, não ha distancias, nem tão pouco resentimentos.

O meu amigo coloca-me ainda violentamente a encontrões demagogicos, no meio dos jesuitas, entre Verney e Pina Manique. E vae, depois, muito lepidamente, enfileirar-se ao lado dos *pedreiros livres* e dos *franceses*. Conhece, por ventura, a origem d'essa gente? Olhe que ela descende d'aqueles *bons* lusitanos que, por dinheiro romano, assassinaram Viriato, o ultimo heroe digno dos tempos homéricos, segundo a opinião de Mommsen, esse estupendo historiador em cujos miolos palpitarão sete seculos de vida romana!

Sim: Viriato é o Isolamento; quer dizer, a Cultura do Povo firmada nas suas qualidades ráticas. A outra, a *sua*, de que serve? Que importa á Civilização que a França, a Inglaterra, a Allemanha estendam em pequenina nodoa até este cantinho occidental?

O que importa é que este cantinho affirme a sua independencia espiritual, razão da sua independencia politica, sem cortar, é claro, as relações com o resto da Europa, aproveitando o que ela produza de util no campo industrial, scientifico, etc.

Sim: Viriato é o isolamento e os seus assassinos (perdoe a violencia do termo) são esses homens mascarados de romanos, hespanhoes e agora de francezes que têm vindo atravez da nossa Historia, em guerra aceza contra a Sombra do homerico montanhez da Beira, que ha-de, apesar de tudo, reencarnar, tomar novamente corpo vivo e alma heroica.

O meu amigo é uma vítima simpática das Cartas Constitucionaes, dos electricos, do *under ground* furando, n'um delírio, o subsolo de Londres, do vapor, do *blco auer*, e oxalá o não seja da viação aérea!

Eu tambem estive em Londres, meu bom amigo! Penetrei-me de sombrio nas escuras celas da tragica Torre!

Passiei, cá fóra, na esplanada, entre os miseros corvos, borrifados de lama, e de spleen, mal representando cada um o seu mitologico papel de Rei Arthur encantado...

Bebi o *fogg* a largos haustos. Vi pastar ovelhinhas nos verdes campos de Hide Parck. Vi os leões de Regent Parck, as pontes sobre o *Tamisa*, esse rio parente do meu *Tamega*... Vi centenas de canudos fumegantes farruscando um ar já enfarruscado... Fui, por momentos uma gotta de agua n'esse profundo e agitado turbilhão de povo que eu tanto admiro! Sim: eu admiro a Inglaterra, a França, a Allemanha! Amarante já está ligada por caminhos de ferro a todos os grandes centros. Não sabia?

Mas esta admiração não destroe o amor á minha raça capaz de evoluir pelas suas proprias forças originaes e originarias. Portugal creará a sua Cultura. Mais restricta que a dos outros países? Naturalmente, pois não pudemos equivalê-los em riqueza.

Sim, senhor! Eu tambem considero a Economia ou vestida ou despida de roseas esperanças... Eu sei o grande papel que o estomago representa. Mas não posso esquecer aquelle versiculo da Biblia: «Nem só de pão vive o homem.»

O meu caro amigo não crê no genio dos povos; creio eu. Sim: eu creio que um homem de genio que aparece num Povo, é um *en-viado* d'esse Povo, uma sua sintese individual. Todo o Povo está n'elle; e, por intermedio d'ele, cria as suas novas aspirações e o processo de as realisar. Ha momentos em que um só homem é um Povo: Camões.

O genio collectivo, encarnando, torna-se factor dos genios individuaes que, por sua vez, influem sobre o meio racico, imprimindo-lhe novas feições dependentes das antigas, como um filho depende do pae. E, assim, um Povo vae definindo, fixando a sua personalidade, cada vez mais profunda e concentradora de potentes energias.

D'aqui resulta o grande valor do Passado, da Lembrança...

Uma patria de recente formação é uma figura apenas esboçada, hesitante... Veja o meu amigo os Estados-Unidos, por exemplo, que apesar de serem uma nacionalidade riquissima e valoroso, é ainda uma Patria informe. Com o andar dos seculos poderá crear a sua lingua, emfim a sua alma, a sua fisionomia moral.

Portugal primitivo tambem era uma patria apagada que, por fim, se definiu em claro e alto relevo...

Não sei quem disse que as Patrias eram feitas de pó de sepulturas...

Fala-me no Japão? Dir-lhe-hei que actualmente se nota n'aquelle Povo um desejo de firmar a sua cultura nas tradições do Passado. Os japonezes perceberam o perigo da desnacionalisação. Eles souberam,

por fim, que a tendencia imitativa destroe o genio inventivo, a unica verdadeira força de progresso.

Assimilar sómente é vegetar. Ora, um Povo deve ser mais que uma floresta de homens.

Continuo a affirmar que o progresso espiritual é causa e não effeito do progresso economico. A grande Allemanha industrial e comercial de hoje foi creada pelas Universidades que o filosofo Fichte fundou. Quem criou a França actual prospera e forte? O espirito do seculo XVIII.

Sim: a alma é que molda o corpo e lhe dá actividade. E do trabalho é que resulta a riqueza. Mas antes de tudo, é preciso saber trabalhar. Primeiro o saber, isto é, o progresso espiritual que cria as competencias.

Mas o meu bom amigo acaba por confundir o progresso espiritual com a moral burgueza, com a *moralina*, como lhe chamou Nietzsche.

O meu amigo adora de tal maneira a questão economica, santo Deus, que pretende colocá-la, de gladio em punho, quixotesicamente, como guarda vigilante á honra das Donzelas!

O Cid Campeador tornou-se diabolica estatística!

Mas que fazer? O Ruido e a Velocidade estão na moda. Tambem os *futuristas* converteram o Pégaso, cavallo de carne e osso, em H. P. . . V. acha que lhe fica bem essa blusa encarvoada de economista. Quando me lembro de si, da alma gentil que murmura nos seus versos, da sua exterior apparencia, e o visioño mascarado de ferreiro, tentando forjar, a golpes de martelo, uma patria nova pelo derradeiro modelo de automoveis, eu fico espantado e afflicto; como que vejo a alma patria camoneana, morta de pallidez, esvaír-se na sombra do tumulto! Ah, meu caro Antonio Sergio, V. é um Romeu *travesti* de Othelo.

Eu amo tambem a Economia, mas não assim, com essa feroz paixão exclusivista, que vê no sol uma peça de ouro, na lua cinco tostões em prata e na terra um pataco de cobre com verdete!

Sabe o que aconteceu ao Deus Midas? Cuidado!

Acalme, bom amigo, essa furia economica investindo contra tudo o que não reluz como ouro. A creatura humana é mais alguma cousa que um armazem de *comes e bebes* . . . O estomago digére na visinhança d'uma alma que sonha. E entre a digestão e o sonho não ha graus de realidade. O halito da ninfa *existe verdadeiramente*, como a luz, o carvão e o ferro. O canto do rouxinol é essencial á Vida como as barbatanas do peixe . . . Nada de limitar a Realidade a quatro palmos de materia bruta, e a eternidade d'uma alma ás horas do almoço e do jantar! O mundo não é só restaurante, é Igreja tambem. Se o Diabo existe, Deus não é uma chimera . . .

Finalmente, eu quero Portugal rico de pão e de espirito, um Portugal consciente e acreditando n'um belo destino a cumprir.

Creia na sincera admiração e amizade que lhe dedica o seu camarada

*Teixeira de Moraes*